

A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E INTELIGÊNCIA ESPACIAL GEOGRÁFICA DO SURDO COM O MUNDO

Lucas Antônio Ribeiro Cardoso ¹
Antônio Carlos Cardoso ²

RESUMO

O presente trabalho se configura tem como enfoque principal analisar os conceitos de espaço e paisagem na construção dos sinais que cabem as ciências geográficas. Entretanto, pouco se discute a presença da linguagem geográfica do espaço na estrutura da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Com isso, o trabalho mostra que essa relação é bastante relevante para sensibilizar e conscientizar que nenhuma disciplina é homogênea. Tendo como metodologia uma revisão bibliográfica e documental, de autores como Santos (1988) que nos traz detalhado os conceitos de espaço e paisagem, também como Cavalcanti (2012) que destrinchar o ensino da Geografia de forma mais simples e objetiva. No âmbito da Libras, temos Quadros (2004) nós mostra em seus trabalhos como o sujeito Surdo se comporta em sociedade. Esse trabalho traz por fim, como proposta, se fazer um trabalho interdisciplinar entre a Geografia e Libras, a fim de conscientizar para uma ciência inclusiva e um processo de ensino aprendizagem satisfatório.

Palavras-chave: Geografia; Alfabetização Geográfica; Libras; Educação Inclusiva

INTRODUÇÃO

Na Geografia, a língua de sinais tem um papel fundamental para no processo de ensino e aprendizagem da disciplina por parte dos surdos, principalmente, no que tange a espacialidade; tendo em vista que algumas de suas representações nos remetem a contextos culturais e físicos da Ciência Geográfica como um todo. Tal como nossa língua nativa é o Português, e possuem suas variantes, a língua de sinais é própria de cada país carregando consigo suas especificidades. A partir de uma análise, mais aprofundada, com a comunidade Surda acerca do trabalho realizado na inter-relação da Língua Brasileira de Sinais - Libras, Língua Portuguesa e as categorias da Geografia, dentre elas Lugar e Paisagem, foi que se construiu o enfoque do presente artigo, resultado do trabalho de conclusão de curso – TCC, da Graduação em Geografia Licenciatura, pela Universidade Federal de Pernambuco.

¹ Graduado em Geografia, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, lucascardoso18@outlook.com

² Professor Esp. de Libras e Mestrando em Educação, no Centro de Educação, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, antonio.ccardoso.ufpe@gmail.com;

Um dos entraves para o ensino integrado com a Libras é a falta de incentivo para com a formação dos professores nas diversas licenciaturas, na Geografia isso não é diferente, ou seja, a inserção do aluno Surdo (a) na sala de aula convencional parte de uma obrigatoriedade assegurada pela lei. E, no que diz respeito aos professores de Geografia, há um problema na assimilação da alfabetização espacial em Libras, tanto para discentes e docentes.

Um dos objetivos que se fazem pertinentes a este trabalho é compreender a percepção geográfica a respeito dos sinais, representativos da Geografia e compreensão dos sinalizadores. Entender todo o processo de construção desses sinais e a relação com o espaço Geográfico. Assim, sendo relacionar os conceitos de Espaço e Paisagem na construção dos Sinalizadores específicos da Geografia e compreender a importância da alfabetização geográfica do surdo.

Muito não se percebe, mas a construção de alguns sinais representativos da Libras está ligada diretamente com alguns conceitos próprios da Geografia, tal como a paisagem. Na comunicação e construção dos sinais, o Surdo (a) tem sua visão como fator primordial para percepção do espaço e construção de sua identidade com o lugar e para assim poder construir o sinal e representá-lo de forma mais coerente possível. E isso, muitas vezes, não é levado em conta, tanto pela comunidade Surda de maneira mais contextualizada, tampouco pelos/as professores/as de Geografia.

Um dos problemas para o aluno Surdo aprender a Geografia, é que existe uma dificuldade de se entender o Português, logo há uma deficiência na alfabetização escrita, o que corrobora para uma dificuldade de entender alguns conceitos geográficos, bem como a própria aquisição da linguagem espacial. De acordo com Salles et al. (2004), a dificuldade do surdo aprender o português (segunda língua), parte de um questão fonológica, onde por não desenvolver sua fala como dos ouvintes, se torna árdua a tarefa de oralizar, entretanto a escrita da língua portuguesa parte a partir de métodos que auxiliem na alfabetização do sujeito surdo. O letramento é o método mais utilizado, pois propicia condições de entendimento mais amplo e coerente por parte do sujeito através da alfabetização.

Todavia, alguns professores de Geografia precisam se atentar que assim como a cultura, o contexto social e até mesmo algumas políticas públicas variam de região para região no Brasil o ensino da Libras e a construção dos sinalizadores também seguem a mesma linha. Segundo Brandão, apud Alvar (1968), nunca iremos possuir uma realidade total de qualquer fala, porque essa realidade é mutável em cada comunidade, em cada indivíduo inserido nela, levando em conta suas características. Tal como a língua oral possui sotaques, regionalismos, gírias, metáforas, assim serão na língua brasileira de sinais.

METODOLOGIA

A pesquisa é resultado do trabalho de conclusão de curso – TCC, da graduação em Geografia licenciatura, pela universidade federal de Pernambuco, e se desenvolveu de maneira qualitativa e exploratória, buscando interdisciplinar o conhecimento da Libras com as Ciências Geográficas. A abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (2016), busca revelar os processos da sociedade que ainda não são de conhecimento de uma parcela expressiva e considerável, tendo como ideia central proporcionar a construção/revisão de abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa privilegia aspectos da subjetividade humana (significados, motivações, valores, crenças, opiniões, dentre outros elementos subjetivos) tais aspectos não podem ser quantificados, pois pressupõem a interação entre sujeito e objeto em processo dialético.

Torna-se necessário, inicialmente, conhecer como se constitui a comunidade Surda e como essa se organiza. Fazendo-se interessante uma conversa em sala de aula, uma roda de diálogo, em que cada aluno Surdo compartilhe sua vivência, sua identificação como Surdo, seus sentimentos, seus anseios e suas vontades. Esse pode ser um método que ajude o professor a conhecer mais um pouco a sua turma e que o auxilie em como será trabalhado alguns contextos da Geografia em sala de aula. Partindo desse conhecimento prévio, o professor percebe que o aluno tem ou não um desenvolvimento na Libras e no Português. A fim de alcançar o segundo objetivo proposto será trabalhado dois conceitos básicos da Geografia, Espaço e Paisagem. O primeiro conceito baseia-se acerca do que Santos (1997), traz, que diz o seguinte:

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. “A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (SANTOS, 1997, p. 37)

Fica evidenciado que a paisagem também se constitui pela relação do indivíduo com o meio, num processo de relação e percepção, é partindo desse pressuposto que a língua de sinais se constitui a cerca de alguns sinais representativos.

DESENVOLVIMENTO

A construção dos sinalizadores na língua brasileira de sinais é bastante pertinente a partir da visão que o sujeito Surdo tem no mundo. Tendo em vista que a perda auditiva aguça

os demais sentidos do corpo, a visão é a porta de entrada para compreensão deste indivíduo com as coisas que lhe cerca, por isso, sua alfabetização e sua estruturação espacial geográfica, parte da percepção visual. De acordo com o que estes sujeitos veem no espaço e na paisagem, se constrói os sinalizadores, principalmente os que remetem a assuntos específicos da Geografia.

É muito importante nos atermos para que essa forma de concepção seja de fato parte da aquisição da língua de sinais, e na Geografia, é uma concepção geográfica, pois o que está posto no espaço, paisagem, é representando em sinais para associar a tal atividade, por exemplo. De acordo com, Fernandes (2005), que trazem o seguinte:

Através da aquisição de um sistema simbólico, como é o da língua, o ser humano descobre novas formas de pensamento, transformando sua concepção de mundo [...] propiciar a pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento (FERNANDES, 2005 p. 18).

A presença do conceito de Espaço e Paisagem nos sinais específicos do contexto geográfico.

Essa exposição da língua de sinais representa sua capacidade de entender o mundo e expressá-lo da forma mais coerente possível, fazendo que sua mensagem seja entendida, tal como nas demais línguas orais. Para este presente trabalho, foram escolhidos alguns dos sinais que foram criados e utilizados para exemplificar alguns contextos básicos estudados na Geografia, e demais sinais associados ao contexto geográfico.

Muito desses sinais estão representados de maneira a se assemelhar com o visível da paisagem, pois, de acordo com Santos (1988), tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons. E isto fica claro, quando o sinal é feito a partir dessa visão, que o sujeito Surdo possui, mas infelizmente ele não tem consciência disto, devido a uma alfabetização carente na disciplina de Geografia, como nas demais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

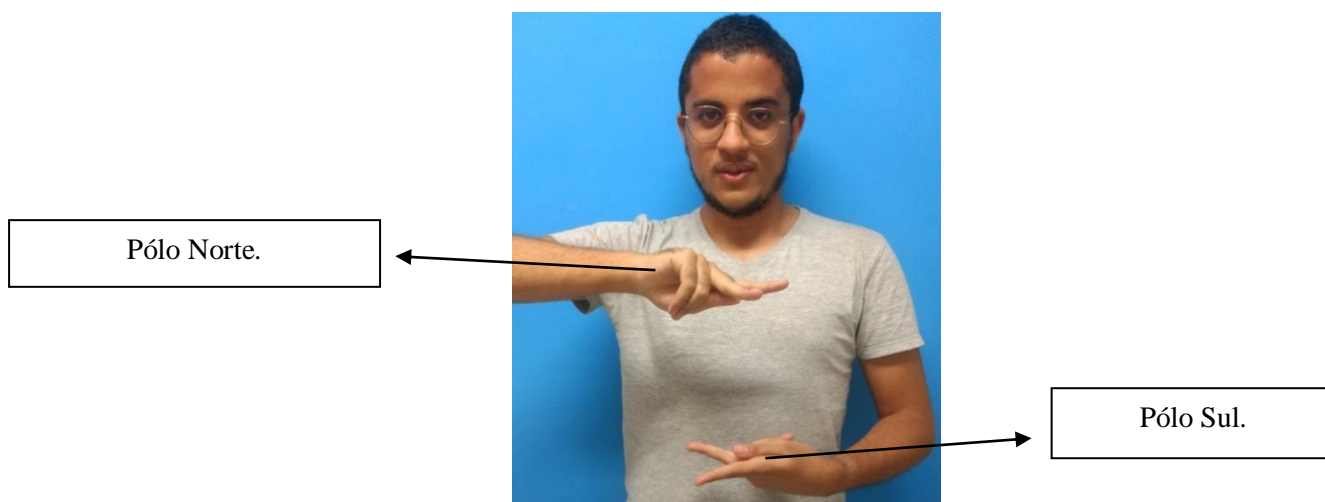
Tendo como maior expoente o geógrafo Friedrich Ratzel, o Determinismo Ambiental caminha pelo viés em que se estudava e representava aquilo que se via, e não dava margem à subjetividade.

Porém, assim como as ideias de Ratzel passaram a ser questionadas e criticadas, a forma e os estudos da língua de sinais precisam também, acompanhar a realidade das discussões e desconstruir e construir os sinais mais próximos da realidade científica, o que corrobora para um estudo mais sensível à alfabetização do Surdo, valorizando o estudo da espacialidade. Esse modo de percepção está firmado numa visão simples de objeto de estudo, onde apenas se vê e reproduz, sem questionar. De acordo com Santos (2004, p. 94 apud Kaufmann, 1966, p. 23), o conhecimento imediato e sua representação, sofrem, de um “esquecimento”, e esse conhecimento é de fato imediatizado por um processo histórico bem longo.

O fato de demonstrar a percepção de forma simples na comunicação coloquial, hoje é apenas um resultado de um desenvolvimento que ficou no senso comum. E relacionado à Libras, fica explícito que a construção dos sinalizadores respectivos à Geografia, neste caso em especial, ao continente americano, baseia-se somente na forma do mapa, sem levar em conta as variáveis posicionais e locacionais do território. Veremos esta mesma abordagem nos sinais a seguir.

A questão da orientação, ainda é um pouco defasada no entendimento de Libras, pois quando nos referimos ao norte e ao sul, por exemplo, reproduzimos o sinal das zonas polares, representando outra vez o Pólo Norte, sempre acima e o Pólo Sul, sempre abaixo, como vemos na figura seguinte:

Figura 01 – Zonas Polares, em “acima” o Pólo Norte, e “embaixo” o Pólo Sul.



Fonte: O próprio autor, 2018.

Há sempre uma questão equivocada de representação do Norte para “*cima*” e do Sul para “*baixo*”. Esse equívoco permanece sendo reproduzido, inclusive na Cartografia de nós ouvintes.

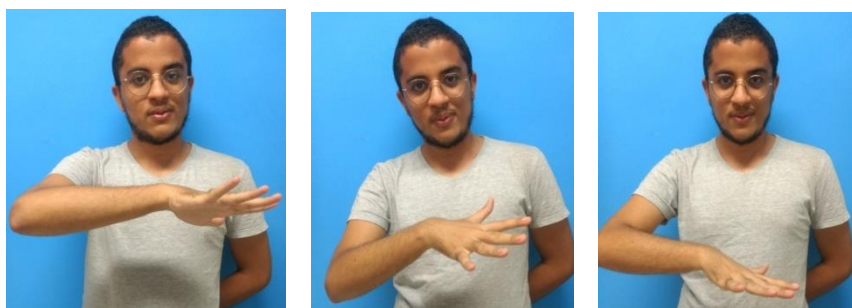
Entretanto, a respeito da aquisição da língua de sinais, o sujeito Surdo ainda enquanto criança tem seu aprendizado referenciando sempre esse “em cima e embaixo”, como forma de nortear sua aprendizagem. Por essa razão, não devemos condenar. Pelo contrário, à medida que o mesmo vai avançando em seus estudos escolares, cabe ao professor de Geografia, desmistificar esses equívocos geográficos presentes no senso comum, e fazer da Libras um entendimento inclusive explicando tais equívocos que resultantes do tradicionalismo, vai se desfazer a medida que nós sujeitos, ouvintes e Surdos, aprendemos que a orientação vai depender de nossa posição no espaço.

Como bem aborda Simplício (2010), a Libras, por possuir riquezas linguísticas tanto quanto as línguas orais, oferecem as mesmas possibilidades de constituição de significados cumprindo, assim, um papel fundamental na educação de surdos. É nessa perspectiva que há possibilidades de desconstruir esses sinais que remetem ao senso comum e, produzir novos sinais que apontem uma visão crítica da Geografia.

Dessa forma, há uma possibilidade do desenvolvimento de um pensamento abstrato, conceitual, crítico, indispensável para desmontar, por exemplo, uma falsa representação da realidade ou representações superficiais, ingênuas. (SILVA e CAVALCANTI, 2008, p. 144).

Há alguns sinais da Libras, que se constituem relacionando as estruturas físicas dos objetos expostos na paisagem, e quando sinalizados nos remetem, ao que Santos (2004), relata a respeito da paisagem, dotada de movimentos, odores, sons e etc. essa expressão, podemos identificar nos sinais abaixo:

Figura 02 – Oceano.



Fonte: O próprio autor, 2018.

Podemos identificar que o Oceano é sinalizado de maneira a nos remeter ao movimento das águas oceânicas. A sequência das figuras mostra justamente, iniciando da esquerda para a direita, como é feito este sinal. Este movimento faz alusão às ondas do mar que estão sempre em movimento. Para Santos (2004), a percepção de objeto e representá-lo de maneira mais real possível, faz do indivíduo um sujeito capaz de entender o mundo como ele é. O indivíduo que percebe uma associação de entidades atuais, é ele próprio um modo de criatividade do universo. Sendo assim, o sujeito surdo, traz de forma imperceptível, o conhecimento geográfico, na constituição da sua língua.

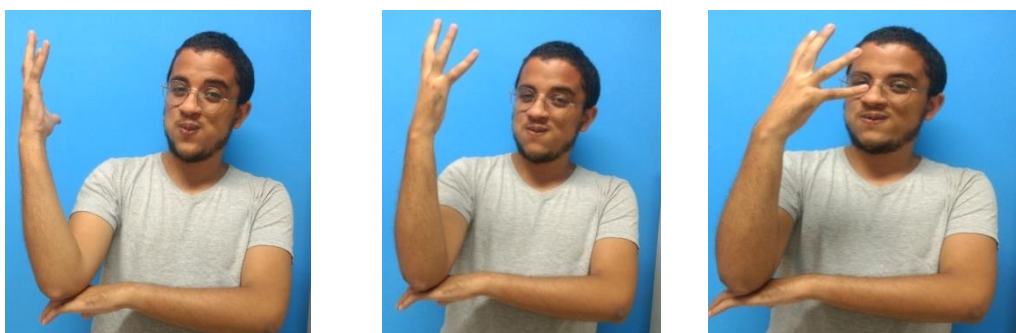
Outros sinais bastante pertinentes à Geografia são os seguintes:

Figura 03 – Vegetação



Fonte: O próprio autor, 2018.

Figura 04 – Clima



Fonte: O próprio autor, 2018.

Os sinais apresentados acima nos remetem a ideia de Santos (2004), que a percepção do espaço também considerou o movimento das coisas que nele estão postas. O primeiro sinal, o de vegetação, é feito com as mãos próximas ao braço, na parte baixa do espaço neutro (espaço da cabeça até a metade do tronco, onde o sinal deve ser feito para ser visto melhor),

os dedos encolhidos fazendo alusão às vegetações baixas, e sendo o braço que está como apoio, representando o solo.

O sinal seguinte, o de clima, traz o braço direito em movimento, em alusão ao vento, mexendo em sequência, como ilustra as imagens, apoiado no braço esquerdo. Este sinal faz também uma referência ao vento, como dito anteriormente, que é um dos principais componentes das condições meteorológicas, presentes e ativos nos diferentes tipos de clima.

Podemos relacionar tais sinais quando Santos (2006), fala da compreensão do espaço de maneira coerente. Nesse sentido, ele traz a citação do geógrafo sueco, Heidegger (1992, p. 90), que fala que a ação é ação em uma paisagem, e é a paisagem que dá forma a ação. Podemos entender isto de maneira que o Surdo identifica tais movimentos dos objetos presentes na paisagem, no espaço e representa através de uma ação literal, atividade deste objeto. Isso fica mais claro nos sinais que contém movimento, referente ao movimento no próprio espaço.

A língua de sinais como dita anteriormente é uma língua que parte do sentido da visão e do tato, pelos olhos e pelas mãos respectivamente. De acordo com Quadros (2007, p. 26):

A língua de sinais é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito.

É de fato primordial compreender a paisagem e seus aspectos geográficos a partir de suas dinâmicas e suas características. Isto se atrela a língua de sinais, de acordo com o modo como os/as Surdos/as identificam essa paisagem, e os trazem em sua língua, através dos sinais, revelando sua compreensão. Para Callai (2009), a análise do espaço deve ocorrer a partir de um vaivém constante entre a descrição, as relações, as explicações do aparente e a busca de justificativas desta aparência. E essa relação com o espaço se dá por meio da interpretação espacial e como o explicamos para o outro.

Vemos que a relação da percepção geográfica está sempre atrelada à construção dos sinais específicos da Geografia, porém, a noção deste entendimento é desconhecida pelos estudiosos da área da linguística dos sinais. É nítido que a compreensão do fenômeno está ligada diretamente com o sinal, pois há uma compreensão de um lugar de origem e uma mudança para um ambiente totalmente novo. De acordo com Santos (2006):

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao

mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, às formas tornadas assim formas-conteúdo - pode participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (SANTOS, 2006, p. 69).

A educação geográfica tem como público-alvo, qualquer grupo social, é uma disciplina de contato com o espaço, a paisagem, o lugar, conceitos-chave para se entender o mundo e compreender seu papel como indivíduo integrante dele, independente de ser aluno ou professor, Surdo ou não, usar a própria linguagem como mecanismo de ensino e aprendizagem, tendo ela uma rica possibilidade de compreender os conceitos da Geografia através das mãos.

O professor ouvinte com aluno Surdo, deve tratar essa questão de maneira não só como conhecimento disciplinar e conteudista, mas como uma alfabetização espacial deste sujeito no mundo. Para Cavalcanti (2012), o ensino se caracteriza como um trabalho o qual o aluno será mediado pelo professor, os quais estão envolvidos de forma interdependente os conteúdos, métodos, objetivos e as condições que estruturam toda essa organização educacional.

Essa capacidade de assimilação com o contexto espacial e o linguístico mostra que o Surdo (a) tem possibilidade de ir mais a fundo em seu aprendizado, não apenas se limitando a um conhecimento raso, mas destrinchando conceitos e compreendendo realidades dentro da Geografia, assim como nas demais disciplinas e ciências.

É importante salientar, que essa representação dos sinais é para os Surdos (as) sua forma de comunicação, assim como a fala oral é para os ouvintes, o principal meio de interação na sociedade. Segundo Ferreira (2010), fazendo referência aos trabalhos de Klima e Bellugi (1979), as línguas orais e as línguas de sinais exibem a dupla articulação, isto é, unidades significativas ou morfemas, constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significados ou fonemas. A estrutura fonológica das línguas de sinais se organiza a partir de parâmetros visuais.

De acordo com os autores mencionados, as principais diferenças entre as línguas de sinais e as linguagens orais, estão em determinadas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais e a simultaneidade, que é característica básica das línguas de sinais. E essa construção a respeito dos sinalizadores da Geografia, se traz pela relação em que o sujeito Surdo (a) tem com o meio em que vive, tendo sua visão como porta de entrada para compreensão no mundo.

A interação e percepção do espaço geográfico como já bem frisado neste trabalho, é a partir da relação do homem/mulher com o ambiente, em que se vive e que se identifica. Para Quadros (2007), a língua de sinais é uma língua espaço-visual, a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos, transformando a informação visual em sequência linguística lógica e compreensiva pelas partes integrantes da comunicação.

De acordo Cassirer (1953), a compreensão do espaço se faz pela junção de dados particulares que provém do sentido de cada um em se relacionar e percebê-lo, fazendo com que a construção deste espaço se torne possível. É deste modo que a comunidade Surda constitui sua linguagem geográfica, ainda sim defasada, mas sim constituída, como bem evidenciamos aqui, através da sua visão espacial e percepção dos objetos experimentados por ele.

A alfabetização espacial do Surdo (a) tem que ser de maneira a se pensar uma inclusão do conteúdo e das relações cotidianas. Ficou explícito nesse capítulo que a percepção da Geografia está presente de maneira expressiva nos sinais da disciplina, e que precisamos construir uma consciência na comunidade Surda e nos professores de Libras e Geografia, logo ambas não devem ser dissociadas ou pensar que seu ensino seja impossível. Aprender sobre a língua é uma consequência natural do processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação geográfica precisa ser levada aos/as Surdos (as) de maneira para ajudar uma alfabetização espacial. O trabalho se insere numa tentativa de aproximar a Geografia, a outras formas de entendimento e compreensão do espaço geográfico, a saber, a língua de sinais brasileira. Os falantes da Libras são os/as Surdos (as), e tem a Libras como fala. Reforçando o que já se sabe, os indivíduos Surdos, não devem ser tratados como “surdos/as-mudos/as” ou “mudinhos/as” ou outros termos usados de forma errônea. Existe uma diferença entre o (a) surdo (a) com ‘s’ minúsculo, aquele (a) que não participa da comunidade e não se reconhece como falante da língua de sinais.

Já o Surdo (a) com o ‘S’ maiúsculo é aquele (a) que se identifica com a comunidade e fala em língua de sinais. O ponto central da pesquisa foi trazer a percepção de mundo do indivíduo Surdo (a), estando presente na constituição de sua língua. Isso fica claro a partir da explicação de dois conceitos que se estuda na Geografia (Espaço e Paisagem), presentes na construção dos seus respectivos sinalizadores da disciplina. Essa representação é feita por

consequência de algumas características que o Surdo (a) percebe de maneira marcante, no local onde convive, e do que ele entende de mundo.

Essa pesquisa se propõe como uma investigação inicial. De maneira afetiva, enquanto agora professor de Geografia, o trabalho abre margem para uma pesquisa mais exploratória e de forma aprofundada e que siga adiante numa, porventura, pesquisa no mestrado e doutorado. Esperamos, através dessa pequena investigação, ter contribuído com a interdisciplinaridade entre Libras e Geografia e, mais ainda, por uma Ciência Geográfica mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. Jacaraí, SP: Ática, 1991.
- CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: Castrogiovanni, A. C.; Callai, H. C.; Kaercher, N. A. (orgs). **Ensino de Geografia: práticas e Textualizações no cotidiano**. 7º ed. Porto Alegre: Meditação, 2009.
- CAPOVILLA, Fernando C. e V. D. **Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo, EDUSP:2002.
- FURNARI, Eva. **Bruixinha. História e desenho de Eva Furnari**. São Paulo: FTD, 1992.
- CASSIRER, Ernst. **The Philosophy of Symbolic Forms**, vol. 1: Language; vol. 2: Mythical Thought; vol. 3: The Phenomenology of Knowledge, Yale University Press, New Haven, 1953 (traduction by Charles W. Hendel).
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.
- _____, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola** / Lana de Souza Cavalcanti. – Campinas SP: Papirus, 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).
- FERNANDES, Eulália. (org.) **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** (1ª ed, 1962). Lisboa, edições 70, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- QUADROS, Ronice Müller de & PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos** ed. Eletrônica, Ed. Arara Azul, 2007.

RATZEL, Friedrich. **Anthropogéographie**. Stuttgart, J. Engelhorn, vol 1. 1882 3 1889.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima [et al] **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2 v.: il. .__ (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos)

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988

_____, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. Ed. São Paulo (2007): Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Eunice Isaias da. CAVALCANTI, Lana de Souza. **A mediação do ensino aprendizagem de Geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos**. In: Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, GO: 2008.

SIMPLICIO, Valéria. **A importância do ensino da Libras – Língua Brasileira de Sinais nas escolas de ensino fundamental**. Disponível em

http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_20167/artigo_sobre_a_import%C3%82ncia_do_ensino_da_libras_%E2%80%93_l%C3%8Dngua_brasileira_de_sinais_nas_escolas_de_ensino_fundamental Acessado em 08 abril de 2019.